

DEPOIMENTO

Relutante em conceder entrevistas, sob a alegação de que é "inibido" e que a pessoa mais indicada para falar sobre índio seria seu irmão Orlando, Cláudio Villas Boas, no entanto, acabou concordando em receber o repórter em sua casa em São Paulo, na semana passada.

Desconfiado a princípio, pois sabia que este jornal havia publicado a transcrição de uma fita contendo o diálogo que manteve com os índios em junho, no Posto Indígena Diauarum, e cujo conteúdo não lhe era nada favorável. Cláudio Villas Boas desconfiou-se no decorrer da entrevista, principalmente depois de saber que a conversa não seria mais gravada. Entre uma tragada e outra nos vários cigarros que fumou durante a conversa, que durou cerca de três horas, o sertanista argumentou que foi "maltratado" pelos índios porque eles foram "insuflados, politizados e instruídos a fazer isso por pessoas que não se preocupam com o futuro do índio". E ele apontou os responsáveis pelas "intriças": o Conselho Indigenista Missionário (Cimi) e a Associação Brasileira de Antropologia (ABA).

Embora tenha sido acusado de "falso" e de ter cometido "tanta besteira aqui nessa área" pelo índio Tsiravé Kajabi é de "mentiroso" pelos índios Cocre e Yawari (Depoimento, 21.08.83), o sertanista Cláudio Villas Boas garantiu que não está "frustrado" pela forma como os indígenas o trataram. Eles o receberam pintados para a guerra e de bordunas em punho porque foram vítimas de intriças de pessoas maldosas, conforme entende o sertanista.

Eles me trataram mal porque foram insuflados, politizados e instruídos a fazer isso por pessoas que não se preocupam com o futuro do índio — argumentou ainda Villas Boas ao apontar o Conselho Indigenista Missionário (Cimi) e a Associação Brasileira de Antropologia (Aba) como responsável pela má recepção que teve, em meados de junho, na sua fracassada tentativa de liberar o avião Cessna 180, apreendido pelos índios Kajabi, Suia e Juruna, no dia 02 de junho, e recuperado 76 dias depois.

O indigenista volta à carga contra os missionários do Cimi, que "se dizem religiosos, mas na realidade são verdadeiros demônios, que só sabem insuflar os índios contra a Funai". Apesar de reconhecer que o órgão estatal não é perfeito, ele considera que o Cimi fugiu totalmente de sua função assistencial e hoje só faz apontar os erros da Funai.

"Criticar é fácil, mas os que se precisa é de ajuda, opiniões e orientação", sustenta Cláudio Villas Boas, ao recordar que durante três séculos os índios estiveram sob proteção dos religiosos, que por erro ou ignorância acabaram anulando os valores de uma sociedade "sui generis", como a dos povos primitivos, tirando-lhes todas a motivação cultural e a própria motivação da vida.

A igreja só faz críticas e nunca apresenta soluções. Soma o problema do índio com os dos posseiros sem perceber que com relação ao indígena há certa especificidade e não se pode somar o índio com o posseiro. Isso é próprio da atuação do Casaldáliga (dom Pedro, bispo de São Félix de Araguaia). O exemplo a ser seguido é o de Rondon, para quem o índio era uma relíquia, a matriz da nacionalidade, e merecia todo o respeito e sacrifício que o Estado possa lhe proporcionar — arremata Villas Boas.

Órgãos de segurança

Conforme o secretário-geral da Aba, Roque de Barros Laraia, "se o índio faz qualquer tipo de movimento, eles querem saber quem é o branco, o antropólogo que está por trás, pois segundo o governo os índios são incapazes" (Depoimento, 28.08.83). Já o antropólogo João Pacheco de Oliveira, membro da Comissão Permanente de Assistência ao Indígena da Aba, acha "lamentável" as acusações de Cláudio Villas Boas e garante que responsabilizar o branco por essa atitude dos indígenas constitui, no mínimo, um ato de "infantilização do índio". Ele considera que os índios sabem o que querem e retiraram o avião como medida de pressão contra a Funai. "A acusação de Villas Boas é uma atitude própria de órgãos de segurança".



Cláudio (E) e Orlando Villas Boas foram citados para o prêmio Nobel

Reis e presidentes, hóspedes ilustres do Parque do Xingu

"O rei Leopoldo da Bélgica foi meu hóspede por 45 dias". Contemplando orgulhoso a foto em que aparece ao lado de Sua Majestade, o sertanista Cláudio Villas Boas relembra os bons tempos em que recepcionou no que é hoje o Parque Nacional do Xingu personalidades como os ex-presidentes Getúlio Vargas e Costa e Silva, e o ex-governador Carlos Lacerda, que visitou o Xingu em cinco oportunidades diferentes.

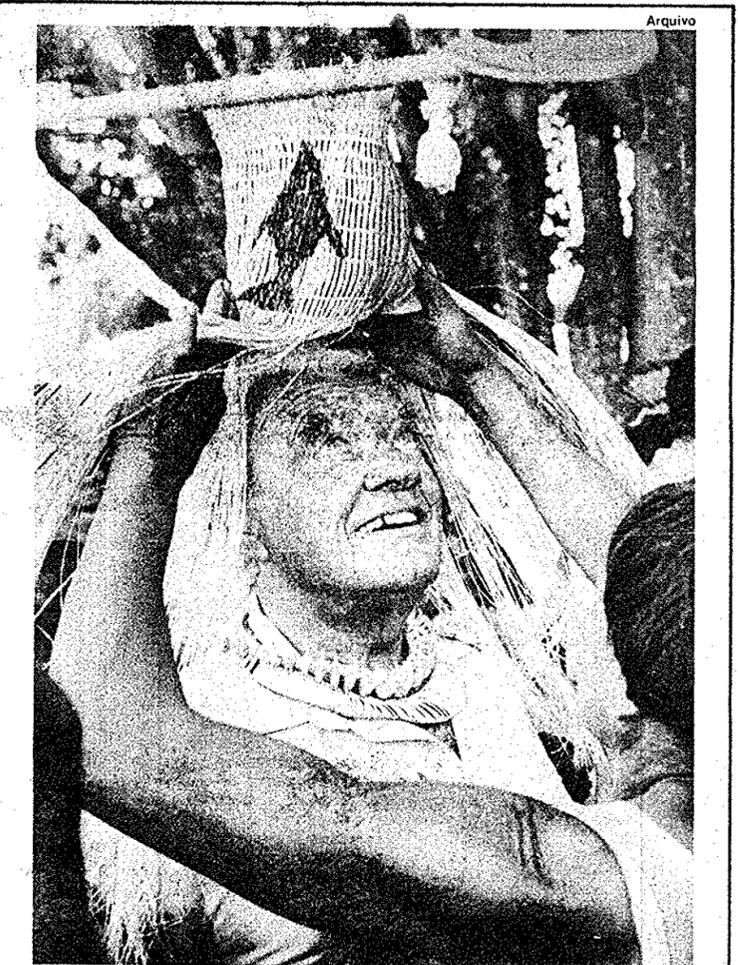
A fotografia em preto e branco — com dedicatória do próprio rei Leopoldo — mostra ao fundo a cachoeira Von Martius e ocupa lugar de destaque na parede da sala da casa de Cláudio Villas Boas. Seu Antônio, português que há doze anos mantém uma espécie de bar e mercearia próximo ao sobrado de tijolinhos verdes onde reside Villas Boas, no bairro paulistano do Sumarezinho, garante que o sertanista "é um bom vizinho" e invariavelmente narra suas aventuras no meio dos índios, entre uma e outra cervejinha nos fins de tarde.

Parte dessas aventuras que seu Antônio desconhece estão sintetizadas nas várias outras fotos e desenhos que complementam a decoração da casa do sertanista. O diploma concedido em 1967 a Cláudio e Orlando Villas Boas, pela Royal Geographic Society, em reconhecimento à "grande contribuição prestada na exploração da região do Xingu e seus devotados serviços em prol do bem-estar dos índios",

contrasta, por exemplo, com uma borduna Txukahamãe e um desenho feito pelo índio Poti, onde Cláudio aparece lendo um livro deitado numa rede.

— Eu deveria pegar as 30 medalhas de ouro que ganhei e fundir tudo — comenta Villas Boas ao lamentar a insignificância de seu salário de aposentado. Por trás das lentes do óculo de aro tartaruga, os olhos de Cláudio se iluminam, porém, ao apontar para o poster colorido em que aparece junto com seu irmão Orlando, durante uma festa no Posto Indígena Diauarum. Ao lado, uma foto preto e branco do sertanista guarda a lembrança da última tribo por ele "pacificada", a dos Krenakarore.

Nesse instante, um papagaio cruza a sala e escala o corrimão da escada de acesso ao segundo andar, enquanto Cláudio Villas Boas descarta a possibilidade de vir a receber o prêmio Nobel da Paz por seu trabalho junto aos índios. Ele não faz referência às críticas de que transformou o Parque Nacional do Xingu na "vitrine" da política indigenista nacional, mas tampouco esconde a satisfação de ter recepcionado reis e presidentes, durante os quase 30 anos — e 200 malárias — em que passou na região. Hoje, aos 66 anos, apesar de aparentar bem mais, Cláudio Villas Boas garante que não quer "dizer nada que não seja absolutamente verdadeiro". Ao ser indagado se valeu a pena, retruca veementemente: "Claro que valeu a pena".



Andreazza: o "pai grande" dos índios

"Os índios estão em boas mãos"

Os índios brasileiros estão em boas mãos. Felizmente, o "chefe maior", que decide o destino dos quase 200 mil indígenas de nosso país, é um homem de altos valores humanitários e sensível às posições dos índios. O sertanista Cláudio Villas Boas referia-se ao ministro do Interior, Mário Andreazza, que já teve vários contatos diretos com diversas tribos, conforme lembra o indigenista, e por reiteradas vezes prometeu "apoiar a causa indígena".

Ardoroso defensor de Mário Andreazza, Cláudio Villas Boas fez questão de ressaltar a posição firme do ministro, no sentido de proteger e garantir os direitos do índio. Inclusive, quando esteve no Parque Nacional do Xingu, em meados do último mês de junho, na fracassada tentativa de liberar o avião Cessna 180 apreendido pelos índios Kajabi,

Juruna e Suia, Cláudio Villas Boas deu um conselho aos indígenas:

"É melhor fazer uma carta para o ministro (Mário Andreazza), dizendo como está a situação. O ministro tem muitos amigos. E ele vai ser Presidente da República. Ele ficou muito entusiasmado com a visita (de Cláudio ao Parque) e disse que vai fazer o possível."

O conselho veio a propósito das várias reivindicações apresentadas pelos índios, que reclamavam do descaço da Fundação Nacional do Índio (Funai) e das várias arbitrariedades que, segundo eles, vinham sendo cometidas pelos coronéis que trabalhavam no órgão. O diálogo com o sertanista foi gravado pelos indígenas e a fita posteriormente transcrita e seus principais trechos publicados pelo Jornal de Brasília, nesta mesma página do Depoimento, no último dia 21 de agosto.

"Vamos manter o índio sob o regime paternalista, porque se transferirmos a eles a solução de seus problemas, eles serão rapidamente devorados pela ambição do branco". Essa é a posição do sertanista Cláudio Villas Boas, que dedicou 40 anos de sua vida à "pacificação" de tribos indígenas arredias. Ele acredita que o índio atingiu o ideal de Bakunin, por que se dá ao luxo de viver sem chefe, sem governo e sem polícia. No Depoimento de hoje, publicamos a entrevista concedida por ele ao Jornal de Brasília.

Villas Boas: índio depende da tutela para sobreviver

A tutela é absolutamente necessária. Sem a proteção dos órgãos federais os índios desaparecerão na voragem da ambição desmedida dos civilizados. Essa posição é defendida por Cláudio Villas Boas, para quem o paternalismo do Estado é fundamental para a sobrevivência do índio. Essa, no entanto, não é a visão do antropólogo norte-americano Stepan Schwartzman, que embora sem abordar especificamente a questão da tutela, garantiu ao Jornal de Brasília (Depoimento, 28.08.83) que os índios xinguanos (com quem conviveu durante 18 meses) são altamente resistentes.

"Muita gente espera que o índio venha a desaparecer, mas dificilmente sumirão ou serão assimilados", afirmou o norte-americano. Já Cláudio Villas Boas espera que chegará o momento em que o Brasil plenamente desenvolvido possa oferecer um lugar para o índio na sociedade, de forma que se possa pagar a "enorme dívida" que o país tem com relação a eles.

O sertanista considera que hoje o País atravessa uma fase tão precária e grave que seria até sádico inserir o in-



Krenakarore: tribo "pacificada"

dió nessa situação miserável. Ele afirma que não é contra a integração do índio na sociedade nacional, mas diante da situação que o Brasil enfrenta seria um crime buscar hoje essa integração. Quem defende essa integração, com as cidades cheias de favelas e o operariado morrendo de fome, ou é ignorante ou maldoso, completa Villas Boas.

Cláudio interrompe nesse ponto seu raciocínio para lembrar que a família Villas Boas era muito rica, inclusive fundou a cidade de Botucatu, em São Paulo, e conta que seu interesse pelos índios vem do berço, pois seu pai era um advogado que sempre defendeu os indígenas, principalmente quando foi prefeito da cidade paulista de Campos Novos. Sem ocultar uma ponta de orgulho, afirma entre sério e brincalhão: "Era uma família muito brilhante e até hoje é".

O futuro do Parque

Com um ar saudosista, Cláudio se recosta no sofá, diante da mesa de centro onde repousa o livro "José e seus irmãos", de Thomas Mann, dá uma longa tragada no cigarro e retoma a conversa para falar do Parque Nacional do Xingu. Ele volta no tempo e relembra orgulhoso que, juntamente com seus irmãos Leonardo e Orlando, conseguiu do então presidente Jânio Quadros que o Parque Nacional do Xingu se tornasse independente do antigo Serviço de Proteção ao Índio (SPI) e passasse à subordinação da Casa Civil da Presidência da República.

Com essa medida, diz ele, "fechamos o Xingu", possibilitando a preservação das gribas que então habitavam o Parque. Ele recorda que o primeiro surto de gripe aconteceu na área matou 27 índios Kalapalos, em função da falta de defesa orgânica dos indígenas. E afirma com satisfação que, "graças à nossa ação positiva", levando assistência médica e suprimentos, os índios Kamaurá, por exemplo, do-braram sua população de 150 para 300 pessoas.

O Parque hoje, porém, não é o do nosso tempo, e está apodrecendo. Felizmente, as pessoas que estão lá agora são boas e honestas. O Cláudio Romero (atual diretor do Parque) é um rapaz brilhante e vai implantar novamente a verdadeira política assistencial dos Villas Boas — afirma convicto o sertanista. Ele acha também que o atual presidente da Funai mantém a política de preservação cultural do índio, adotada pela primeira vez pelos três irmãos indigenistas, e portanto a atuação do órgão estatal com relação ao Parque está correta.

Otimista e confiante

Essa nova orientação, com o pleno respeito aos direitos do índio e a não-violação das áreas demarcadas, além da assistência médica permanente, permite que Cláudio Villas Boas sinta-se otimista e confiante no futuro do Parque. Afinal, recorda ele, não foi em vão que "Leonardo, Orlando e eu abrimos 3.400 quilômetros de picada, bem no coração do Brasil, pacificamos 11 tribos do Alto Xingu, cujo contato foi relativamente fácil, além de oito tribos arredias, a última das quais foi a dos Krenakarore".

Depoimento elaborado pelo repórter José Humberto Fagundes